

Confira incêndios que destruíram outros museus pelo mundo

Além do Museu Nacional do Rio de Janeiro, que foi destruído por um incêndio no último domingo (2), outras instituições de preservação do patrimônio histórico já foram afetadas por chammas pelo mundo. Aqui estão algumas delas:

- **Museu de História Natural (Nova Delhi)** - Em abril de 2016, todo o acervo do Museu de História Natural da Índia, em Nova Delhi, foi destruído por um incêndio que começou no sexto andar do prédio. A instituição abrigava fósseis de dinossauros que datavam de mais de 160 milhões de anos, além de filmes sobre temas ligados à natureza e animais embalsamados. A causa do desastre teria sido o mau funcionamento do sistema anti-incêndio do prédio. Os bombeiros demoraram cerca de três horas para evacuar o local e seis pessoas foram hospitalizadas por terem inalado fumaça.
- **Museu de Guerra de Chania (Grécia)** - Em julho de 2018, o prédio que abrigou o Museu de Guerra de Chania, em Creta, na Grécia também foi arrasado por chammas. Somente a fachada da edificação de 1870, construída pelo arquiteto italiano Macuzo e que abrigou tropas do exército italiano durante a Segunda Guerra Mundial, resistiu à força do fogo. Não havia exposições no momento do incidente, já que o acervo da instituição, que inclui livros e fotografias sobre rebeliões na região dos bálcanos, havia sido transferido anos antes para Atenas por causa de um terremoto que colocou em xeque a segurança da edificação. Uma pessoa foi detida após as investigações.
- **Cidade da Ciência (Nápoles)** - Em março de 2012, o complexo conhecido como "Cidade da Ciência", em Nápoles, no sul da Itália, foi consumido por um incêndio. No local, havia um museu interativo de ciência, salas de conferência e uma "incubadora" de negócios. A instituição é uma das principais atrações turísticas da cidade, com 350 mil visitantes por ano e 12 mil metros quadrados de área expositiva. Após o incidente, os responsáveis pela instituição começaram uma campanha para reconstrução do prédio, o que aconteceu em 2017.
- **Museu de Arte Moderna (Nova York)** - Em abril de 1958, foram destruídos no Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMa) 5,5 metros da série "Lírios d'Água" do pintor francês Claude Monet (1840-1926). A causa do incêndio teria sido o fato de operários terem fumado perto de uma lata de tinta, de serragem e de capas para a proteção de quadros, durante

Imagens: Divulgação



Museu histórico de Estado (Moscou).

obras de restauro. Um dos funcionários morreu e bombeiros tiveram de ser hospitalizados por terem inalado fumaça.

- **Museu histórico de Estado (Moscou)** - Em 1998, o Museu Histórico de Estado russo foi atingido por chammas. As mais de 4,5 mil peças históricas do acervo não foram destruídas, já que o incêndio se concentrou no quarto e no quinto andares da edificação, que não abrigavam exposições. O fogo foi controlado em cerca de 40 minutos.
- **Museu Aeroespacial de San Diego** - Em 1978, a biblioteca e cerca de 40 aeronaves do Museu Aeroespacial de San Diego, no estado norte-americano da Califórnia, foram destruídos por um incêndio criminoso. Na ocasião, dois jovens foram vistos fugindo do local, mas não foram capturados. O prejuízo material foi calculado em US\$ 16 milhões e a reabertura da instituição aconteceu em 1980.
- **Museu de História Natural (Nova York)** - Em dezembro de 2014, o sistema antichamas do Museu de História Natural de Nova York, nos Estados Unidos, foi acionado pela presença de fumaça no interior do edifício, que teve de ser evacuado durante o horário em que estava aberto ao público. Cerca de quatro mil pessoas foram retiradas em duas horas e não houve feridos. A suspeita das autoridades é que um maçarico usado por eletricitistas que trabalhavam na manutenção no prédio tenha causado a fumaça. O museu é o maior do tipo no mundo e conta com fósseis e objetos relacionados à vida animal e vegetal ao longo da história do planeta.
- **Destruição política** - Em maio de 1933, foram queimadas em praça pública em várias cidades da Alemanha centenas de milhares de obras de escritores que eram considerados "inconvenientes ao regime". O ditador Adolf Hitler pretendia fazer uma "limpeza da literatura" que pudesse livrar a cultura alemã da "alienação". Obras de autores como Sigmund Freud, Thomas Mann e Stefan Zweig foram reduzidas a cinzas pelos apoiadores do regime, derrotado após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Em maio de 2015, o Estado Islâmico, divulgou pela internet execuções em massa e explosões de sítios arqueológicos na cidade histórica de Palmira, na Síria. Foram destruídos os templos de Bel e Baalshamin, que datavam de dois mil anos atrás, e um arco do triunfo que foi construído no ano 200 d.C.. A cidade foi reconquistada em 2016 por forças leais ao ditador Bashar Al Assad (ANSA).



Museu de História Natural (Nova York).

Última Blockbuster dos EUA resiste, apesar de "morte lenta" das locadoras

Tania Cidoncha/Agência EFE

Na cidade de Bend, no estado de Oregon, resiste o último e icônico letreiro azul e amarelo da Blockbuster nos Estados Unidos, a antiga todo-poderosa locadora que, depois da internet e da Netflix, sofre uma inexorável morte lenta. Com uma população de quase 100 mil habitantes, a cidade atrai turistas com sua exuberante natureza e grande oferta de atividades ao ar livre, e agora ganha um atrativo extra: abrigar a última loja da famosa franquia.

Não é raro ver alguém posando para uma foto ao lado da inesquecível fachada. Atravessar as portas de vidro e andar entre as estantes com 14 mil títulos é quase uma viagem no tempo. Basicamente é como voltar à época de domínio absoluto do formato físico, que teve seu auge nos anos 90. Para Sandy Harding, gerente da unidade de Bend, inaugurada em 2002, a última Blockbuster do país sobrevive por causa dos moradores da cidade, da paixão que eles têm pelo cinema e do apoio que dão ao comércio local.

"O crescimento da cidade, o apoio da comunidade aos negócios locais e o fato extraordinário de ser o último nos mantém com força total. Muito antes de sermos os últimos, vira e mexe, entrava alguém comentando: 'Meu Deus, tem uma



Lembra da Blockbuster? Só existe uma única nos Estados Unidos.

Blockbuster na cidade e nunca vil'. Rapidamente a pessoa se tornava sócia e passava a frequentar", contou Harding. Outro fato que contribui, segundo ela, é que as famílias começam a perceber os prejuízos causados pelo excesso de conectividade dos filhos. "Acho que preferem vir aqui e escolher filmes em família, como fazíamos nos anos 90", acrescentou.

Ao fazer um balanço, a gerente, que está na loja desde 2004, admitiu que em certo momento sentiu a chegada da Netflix, da (companhia de filmes via internet) Redbox, e, claro, o baque que significou a declaração de falência da Blockbuster, em 2010, e a posterior aquisição pela empresa americana de TV por assinatura Dish Network. Fundada em 1985 por David Cook, a Blockbuster chegou a ter nove mil

lojas espalhadas pelo mundo em 2004, mas foi incapaz de fazer frente às novas formas de consumo de vídeo.

Há pouco mais de um ano, se mantinha viva nos Estados Unidos com 12 pontos - seis deles no Alasca - que, como o de Bend, ficavam majoritariamente em áreas rurais, com limitado acesso à internet. Hoje, além da única loja em território americano, estão de pé outras cinco na Austrália, que pretendem permanecer em funcionamento até pelo menos 2020 quando a ideia é fazer uma comemoração conjunta pelos 35 anos de fundação da rede. Enquanto isso, em Bend, a equipe continua atendendo os clientes com a mesma disposição e com o mesmo sistema da década de 90, segundo a empresa, muito eficaz contra hackers. "Os computadores são muito antigos. É preciso ser muito específico com eles, estamos falando do Windows 3", disse, com orgulho, Gabe Fischer, um dos funcionários.

Seu sonho? Ver o ator Bruce Willis entrar na loja. "Sou capaz de listar quase todos os filmes da loja no quais ele aparece", confessou.

De rede internacional a pequeno museu, que se tornou atração para turistas nostálgicos, a meta da Blockbuster de Bend hoje é continuar atraindo pessoas que curtem procurar um filme na prateleira, ao invés de usar o dedo em um sistema online.

Lewandowski será o relator de representação do PT contra Bolsonaro

Brasília - O ministro Ricardo Lewandowski, do STF, será o relator de uma representação da coligação "O Povo Feliz de Novo" (PT/PCdoB/Pros) contra o candidato do PSL à Presidência da República, Jair Bolsonaro, e a coligação "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos" (formada por PSL e PRTB) por crime de ameaça.

A coligação encabeçada pelo PT também quer que Bolsonaro seja investigado pelos crimes de injúria eleitoral e incitação

ao crime. O sorteio eletrônico que definiu a relatoria do processo foi feito livremente na tarde de ontem (3), entre os integrantes da Corte, ficando de fora a presidente do STF, ministra Cármen Lúcia, que, por questões regimentais, não recebe esse tipo de processo.

A representação do PT contra Bolsonaro se baseia em discurso proferido pelo candidato do PSL à Presidência durante evento de campanha no Acre, na semana passada. O Estado é

governado pelo PT desde 1999.

"Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre. Vamos botar esses picaretas pra correr do Acre. Já que eles gostam tanto da Venezuela, essa turma tem que ir pra lá. Só que lá não tem nem mortadela galera, vão ter que comer é capim mesmo", disse Bolsonaro na ocasião.

Para o PT, o caso expõe crime eleitoral "de injúria em detrimento de todos os eleitores que de algum modo são identificados como 'esquerda'

política e nos crimes de ameaça e incitação ao crime de homicídio". "Por mera divergência política, entende o candidato ser necessário o fuzilamento de toda uma parcela da população, o que representa, a um só tempo, os cometimentos dos crimes de ameaça e incitação ao crime", sustentam os defensores da coligação petista. Procurada, a campanha de Bolsonaro não havia respondido à reportagem até a publicação deste texto (AE).

É hora de ampliar a maneira de se ver o compliance

Antônio Carlos Hencsey (*)

Uma das frases mais utilizadas quando se fala de compliance é o famoso "tone at the top", também conhecido como comprometimento da alta direção

Ele é tido como um dos principais pilares de um programa de compliance e sem o qual toda a força das diretrizes se esvai. Mas será que um apoio e exemplo vindo dos executivos é o suficiente para conquistar o engajamento dos demais profissionais da organização?

Albert Bandura, um dos ícones contemporâneos da psicologia social, mostrou por meio de seus estudos que o exemplo é um forte elemento de contaminação positiva ou negativa quando falamos de comportamento. O simples fato de observarmos a ação dos demais pode ter um efeito decisivo entre agir de uma maneira ou outra, mesmo que não tenhamos interação direta com o indivíduo que nos serve de exemplo. Porém, não é só esse fator que interfere na intenção de seguir, ou não, regras corporativas.

Para que se potencialize ao máximo a participação ativa e positiva dos colaboradores às regras instituídas é necessário que a empresa promova uma cultura ética sólida e isso só é possível envolvendo os funcionários nessa construção. O ser humano é naturalmente avesso à imposição de regras e a percepção de que há uma obrigatoriedade que cerceia uma liberdade individual torna, na visão de muito, o compliance inimigo número um do bom ambiente de trabalho.

Quando falamos com profissionais dos mais diversos níveis e áreas, é muito comum estes descreverem o compliance como uma área que impacta a produtividade, o relacionamento interno, externo e, até mesmo, o clima corporativo. As regras são seguidas para se evitar contratemplos ou punições e não necessariamente porque fazem sentido ou têm apoio da equipe de colaboradores.

Para que a reversão dessa percepção ocorra é preciso dar voz aos funcionários, não importando nível hierárquico ou função. A empresa que

quiser realmente que o seu programa seja efetivo precisa ouvir aqueles que se submetem às regras trabalhando de maneira direcionada a fim de gerar conhecimento, compreensão e eliminar crenças negativas sobre os elementos presentes na estrutura de compliance.

Por mais óbvio que seja, muitas empresas prejudicam seu programa logo na primeira regra: É necessário se conhecer uma diretriz para segui-la. Se o funcionário não tem claro o que fazer não se pode esperar que ele se comporte obrigatoriamente como o esperado, e a experiência diária com ética corporativa mostra que muitas organizações se frustram por não ter esse alinhamento claro.

O segundo ponto é ter certeza de que o que foi explicado e apresentado foi compreendido da forma correta. Ruídos de comunicação e divergências de interpretação interferem diretamente na aplicação adequada das regras e ferramentas. A companhia deve se certificar de que todos sabem o que fazer e como fazer.

Há um outro elemento muito negligenciado por implantações e análises de programas de compliance que é cabal para o sucesso da criação de uma cultura ética corporativa: O que as pessoas acham das regras e diretrizes estabelecidas. Dar importância e voz aos funcionários fará toda a diferença na adesão destes ao que é eticamente esperado.

Não se pode esquecer que o objetivo final de um programa maduro e efetivo é que a maioria dos profissionais adotem as regras de forma internalizada e positiva, e não para não serem pegos ou evitar punições.

Assim, compreender históricos, identificar divergências percebidas entre a prática e a teoria e, principalmente, dar ao colaborador o senso de dono ou construtor parceiro de uma nova cultura ética corporativa aumentará o engajamento e a proteção de algo que não é mais imposto, mas, sim, edificado conjuntamente para trazer melhorias no ambiente, produção e transparência corporativa.

(*) - É sócio da prática de Ética & Compliance da Protiviti, consultoria global especializada em finanças, tecnologia, operações, governança, risco e auditoria interna (www.protiviti.com).

Preços de pneus variam até 53% no mercado online

Levantamento realizado pela startup PNEX mostra variações em ofertas; diferença maior é encontrada em produtos destinados aos carros SUV

Pesquisa produzida pela plataforma PNEX, especializada na busca de pneus e serviços automotivos, indicou diferenças de até 53% nos preços dos varejistas online. Foram considerados produtos referentes às categorias de veículos SUV, Sedan e Hatch.

O levantamento foi feito com uma amostragem de 1.400 ofertas referentes à base em dados do site, que conta com mais de 70 mil, entre 150 marcas. A maior variação ficou entre os pneus do tipo Aro 17, com 38%. Esse produto é usado em automóveis do tipo SUV, como Sportage, Pajero e Freemont. Em análise por veículo, o pneu destinado ao Tiguan apresentou diferenças de preços de até 53%.

Já entre os pneus de Aros 16 e 14, utilizados em automóveis dos tipos Sedan e Hatch, foram encontradas alterações na casa dos 23,6%. O destaque ficou entre os produtos destinados aos carros Cerato e Picanto, ambos da montadora Kia, com variáveis de 32% e 44%, respectivamente.

Por fim, os pneus de Aro 13, comuns nos automóveis populares, apresentaram diferença média de 15,4%, chegando a 18% em produtos indicados para o Chevrolet Celta. A menor oscilação de valores da categoria ficou entre os pneus

utilizados pelos carros UP!, Mobi e Uno, com 14%.

O levantamento também apontou diferenciações de preços entre as principais marcas presentes no varejo. A maior variação ficou entre os pneus Continental Aro 17, que apontaram valores entre R\$ 319,00 e R\$714,92, 55% de diferença; seguido pelas marcas Michelin (47%) e Firestone (41%). Já sobre os produtos Aro 13, a marca Continental também teve grandes oscilações, com custos até 50% maiores, acima da marca Firestone (34%) e Pirelli (26%).

"Após a análise de preços das ofertas presentes na plataforma, constatamos que os varejistas especializados no comércio de pneus oferecem os melhores preços em relação aos grandes varejistas nacionais, conhecidos por ofertarem uma diversidade de produtos além do segmento automotivo", explica Fernando Cesar, cofundador da startup Pnex.

"Vivemos um momento em que a mobilidade está em debate. Enquanto nossos olhos estão focados na questão do combustível, é preciso mostrar que variações de preços ocorrem em diversos produtos do segmento automotivo, o que impacta diretamente na renda de quem vive ou consome nesse mercado", conclui Laurent Maubré, sócio-fundador da plataforma.

Fonte e outras informações: (<http://pnex.com.br>).